

DO COLO ÀS PALAVRAS: VIVÊNCIAS EM RAPSÓDIAS LITERÁRIAS

Ana Caroline Chepak de Souza FERREIRA
Ana Paula Munarim Ruz LEMOS
Cyntia Graziella Guizelim Simões GIROTTTO
Edson Rodrigo de AZEVEDO

Como citar: FERREIRA, Ana Caroline Chepak de Souza; LEMOS, Ana Paula Munarim Ruz; GIROTTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões; AZEVEDO, Edson Rodrigo de. Do colo às palavras: vivências em rapsódias literárias. *In:* GIROTTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões; AZEVEDO, Edson Rodrigo de; SOUZA, Renata Junqueira de (org.). **Leitura literária na escola da infância**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2025. p.11-20. DOI: <https://doi.org/10.36311/2025.978-65-5954-642-8.p11-20>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

DO COLO ÀS PALAVRAS: VIVÊNCIAS EM RAPSÓDIAS LITERÁRIAS

Ana Caroline Chepak de Souza FERREIRA

Ana Paula Munarim Ruz LEMOS

Cyntia Graziella Guizelim Simões GIROTTO

Edson Rodrigo de AZEVEDO

*Silêncio, a cerimônia está para começar. Dependemos da voz ou da letra... “Era uma vez...”, e abre-se a casa imaginária...
(Graciela Montes, 1999)*

Inauguramos este artigo trazendo a poética das palavras de Graciela Montes na introdução do livro “A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância” de Yolanda Reyes, que nos convida a adentrar no universo da literatura permeado pelas infâncias e experiências dos pequenos que a tão pouco tempo habitam este mundo.

Os fios que tecem nossas palavras serão entrelaçados por narrativas que emergiram de um vídeo, em um contexto de “proferição” de uma história entre mãe e filho tendo o livro como mediador. Pretendemos materializar estas narrativas escritas por meio de rapsódias em mini- histórias e com isso, ressaltar as sutilezas e riqueza do ato de proferir histórias entre mãe e filho e, a importância deste ato, como um ato humano a ser compartilhado, não somente pela escola lugar da instrução formal, mas sobretudo, no seio familiar onde tudo começa.

Apresenta-se então um questionamento, o que é rapsódia?

Antes mesmo de conceituarmos a rapsódia, faz-se necessário contextualizar de onde emerge e em qual contexto ela se banha.

Parte-se então das mini-histórias, que nas palavras de Fochi (2019) surgiram quando Malaguzzi (pedagogo italiano) provoca suas professoras na década de oitenta, a narrar os percursos de aprendizagem das crianças por meio de relatos visuais e textuais. As professoras valiam-se de recursos para transparecer toda a complexidade da construção do conhecimento por parte das crianças, utilizando-se de sequência de imagens e narrativas visuais. A partir deste contexto, esta práxis tem proporcionado um olhar sensível para a escola da infância e para as aprendizagens das crianças.

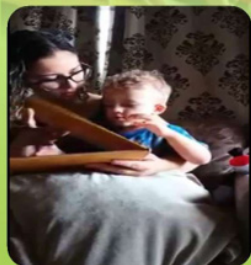
As mini-histórias por sua vez, ainda segundo Fochi (2019), tem a estrutura de uma narrativa breve, imagética, textual e com a finalidade de comunicar por meio da interpretação sensível, as rapsódias da vida cotidiana que por sua vez

são fragmentos poéticos que, quando escolhidos para serem interpretados e compartilhados, ganham valor educativo, se tornam especiais pelo olhar do adulto que acolhe, interpreta, e dá valor para a construção da memória pedagógica (Fochi, 2019, p.17).

Portanto, as rapsódias, essas narrativas poéticas, tornar-se-ão um instrumento rico e sensível, como forma de produzir saberes e conhecimentos singulares, inesperados, advindos da empatia e da experiência vivida, “[...] o lugar da experiência como algo singular e único, mas que adquire outros sentidos[...]” (Seródio e Prado, 2018) e favorecem trocas entre os sujeitos em uma interação com todos os envolvidos a fim de que possam trazer o seu ponto de vista (Miotello, 2012).

Com isso, abordaremos as experiências de leitura enviesadas pelas vivências da maternidade, estabelecendo diálogos com referenciais teóricos que versam sobre a literatura infantil tais como Yolanda Reyes (2010, 2017), María Emilia Lopez (2013) e estudiosos russos da Filosofia da Linguagem: Bakhtin e Volochinov. Nosso artigo será costurado e desenvolvido por meio de 03 rapsódias, assim sendo: “O encontro”; “Dos gestos às palavras” e “Encantar, enredar, possibilitar imaginar”, tendo como protagonistas: Davi (1 ano e 9 meses) e Natiele, sua mãe.

Figura 01 – Mini-história



"O encontro"

O encontro entre mãe e filho, espaço e tempo ancestral, o toque, o olhar, afetos tecidos na hora de compartilhar.

O tempo para, contemplando a mãe que com afeto conta história ao filho, histórias criadas, autores do mundo, personagens, a vida!

O momento é de acolhida, por meio da história a essência humana se apresenta, a mãe conta as sutilezas da vida para filho e ele com todo o seu impulso vital, a recebe com afeto, afetar-se, deixar fluir sentimentos, aprender, viver, quantas facetas do mundo as histórias podem nos trazer? O céu, desenhos nas nuvens, castelos, princesas, guerreiros. Florestas, mares e anseios, o homem, a arte e o amor, fantasia, dragões? Dinossauros?

No encontro entre mãe e filho tudo pode acontecer!

Fonte: Acervo pessoal dos pesquisadores (2021)

De geração em geração o homem se constitui e é constituído e, em cada época, um novo homem. O ser humano em um tempo e espaço percorre um caminho de descoberta, aprendizado, transferência de hábitos e costumes culturais e, sobretudo, o ato humano de compartilhar e as relações constituídas neste ato.

Considerando a criança como parte desse percurso, desde a mais tenra idade, está envolta às riquezas da cultura humana, em contato com o mundo e suas simbologias. É exímia exploradora, no que diz respeito a desvendar sua essência, navega por mares ainda desconhecidos e pode chegar a lugares diferentes, dependendo da materialidade ofertada e organizada pelo adulto como aquele que detém, espera-se, o mais elaborado da cultura humana.

Nessa perspectiva, concordamos com (Leite, 2018), ao apresentar o livro "Um mundo aberto" de Maria Emília Lopez, que "cada criança é extraordinária em sua capacidade e única, ao mesmo tempo que é herdeira das gerações anteriores, com ela nasce uma nova possibilidade, uma nova leitura de mundo, um novo mundo." (López, 2018, p.10).

Assim, a literatura infantil emerge como parte das riquezas da cultura humana, o homem a criou, portanto, será o homem e somente ele, o responsável como diz (Giroto e Souza, 2016) pelo encontro entre os bebês, as crianças pequeninas e os livros infantis e assim, “[...] enriquecer a vida dos pequenos, naquilo que de mais encantador possuem: sua avidez, sem medos e com naturalidade para conhecer, aprender e se desenvolver (Giroto e Souza, 2016, p.8). Nesse sentido, podemos considerar a família como parte importante no processo de apropriação da materialidade humana pela criança, “O encontro” título de uma das mini-histórias colhidas e interpretadas por nós, explicita-nos o quanto a relação entre mãe e filho mediada pelo livro de literatura infantil, abriu caminho para inúmeras aprendizagens e trocas sociais.

No bojo desta relação, o afeto, é a linha que tece o saber, quando a mãe, organiza o espaço - poltrona, coberta - apresenta o livro como signo a mediar a relação, está enunciando ao filho um momento para lhe ensinar a vida, pega o no colo, dispõe o livro entre ambos, por meio da fala - narra a história, dialoga, indaga - por meio dos gestos - mostra como folhear o livro, fomenta a curiosidade, demonstra na face: afeto, surpresa, alegria, o olhar de ambos diz o quanto estão envolvidos na trama.

A literatura infantil permite que a cultura historicamente acumulada alcance os pequeninos por meio de uma linguagem artística. A obra reflete e refrata a realidade, e nesse envolvimento a criança troca com o outro. Assim, por meio das suas vivências, do seu cronotopo, ela atribui um sentido à obra, possibilitando a completude do outro, e ao mesmo tempo ampliando o seu repertório, completando-se do outro.

O ‘não-álibi no ser’ coloca o eu em relação ao outro, não segundo uma relação indiferente com o outro genérico e enquanto ambos exemplares do homem em geral, mas enquanto coenvolvimento concreto, relação não indiferente, com a vida do próprio vizinho, do próprio contemporâneo, com o passado e o futuro de pessoas reais (Bakhtin, 2017, p.26).

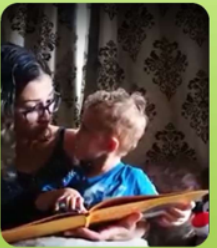
Esse coenvolvimento concreto, essa relação de não indiferença não pode vir de outro lugar senão de um lugar de amor e de afeto, pois “a diversidade de valor do existir enquanto humano (isto é, correlato com um ser humano) pode apresentar-se somente à contemplação amorosa” (Bakhtin, 2017, p.128).

Principalmente com as crianças pequenas, o ato de narrar histórias prova verdadeiramente “o afeto, a consideração, o acolhimento, o respeito à criança e à infância” (Giroto e Souza, 2016, p.22). Assim, o ato de ler, de contar, de narrar precisam ser atos de amor, atos verdadeiros, com devoção tamanha que permita aos pequenos sentirem-se verdadeiramente envolvidos naquela história, com seus corações pulsando alegremente a cada nova página apresentada.

Neste encontro único e irrepetível, permeado de amorosidade e carinho, a mãe de Vivi vai semeando uma sementinha literária em seu filho, e nesse diálogo são trocados gestos e palavras. Que gestos seriam esses? E quais palavras teriam sido essas?

Assim, a obra que deleita mãe e filho é a obra “Baleia na banheira” de Susanne Straber. O livro acompanha a história de uma baleia que se encontra na banheira, banhando-se tranquilamente sem saber das companhias inesperadas e inusitadas que pediriam para se juntar a ela.

Figura 02 – Mini-história



"Dos gestos às palavras"

"Mamãe e Vivi", confortáveis, sentados em uma poltrona, colo quente, cheirinho de mãe, olhares curiosos, afetos pulsantes. Como não se aconchegar para ouvir a história?

E ela começa:

"É hora do banho!" Diz mamãe narrando a história. "A baleia está na banheira."

Vivi atento aos gestos da mãe ao passar as páginas, posiciona-se e logo interage com a história enunciando sua palavra:

"O Vivi".

A mãe que da barriga ao colo, interpreta o projeto de dizer do filho nas entrelinhas, como se expressasse de forma límpida, dono de uma oralidade desenvolvida o indaga:

"O Vivi quer ir na banheira?"

Com um aceno de cabeça para baixo e para cima, o filho legitima a fala da mãe que em resposta ao gesto de Vivi confirma:

"Quer também?"

E novamente o aceno que indicava sim e a história continuou.

Os gestos, as falas, os olhares, os enunciados vivos, permitiram que Vivi vivenciasse a história ora como ouvinte, ora como personagem, ora como autor que o encontro entre mãe e filho sublimou.

Fonte: Acervo pessoal dos pesquisadores (2021)

Podemos perceber na entonação de Vivi o seu envolvimento com o banho compartilhado apresentado na história, isso porque a criança pequena ainda não trabalha com o simbolismo, então ela traz o seu valor axiológico, o seu julgamento de valor para realizar paralelismos com a história. “A abertura para o exercício da imaginação simbólica se realiza pelo viés da educação literária, sendo tal exercício iniciado muito antes de a criança aprender a falar, a contar, a usar sua voz”. (Giroto e Souza, 2016, p.29).

A mãe desempenha papel fundamental como instigadora da leitura, estimulando Vivi a todo momento e possibilitando a troca, a interlocução e a alteridade. Até mesmo o embalo corporal exerce influência sobre a relação da criança com a leitura, pois conforme Silva e Chebotar (2016, p.70) “esse contato físico, o aconchego e as sensações corpóreas agradáveis que permeiam o contato com o livro nessa primeira fase da infância favorecem a construção e a apropriação desse momento vinculado ao prazer”.

Ainda neste espectro, dialogamos com as pesquisas de Reyes (2010, p. 23) acerca da boniteza relacional vista nos momentos de leitura entre o bebê e sua mãe, permitindo que essa trama entre gestos e palavras conceba “a criança como sujeito e participante nos fatos de linguagem e de cultura (...) e ainda neste contexto, as relações entre o bebê e sua mãe seja como um ninho do ato da leitura”.

Ao contemplarmos as rapsódias que costuram nosso projeto de dizer, notamos as narrativas vivenciadas por Vivi e sua mãe numa grande “casa de palavras, em que a literatura é lida e sentida a partir da própria vida, recriando processos de decifrar e decifrar-se na linguagem do outro” (Reyes, 2017, p. 26). Ainda neste sentido, Reyes (2017) evidencia uma relação íntima entre aqueles que estão “inaugurando o mundo” e os momentos de comunhão entre livro, mãe e bebê... Segundo a autora:

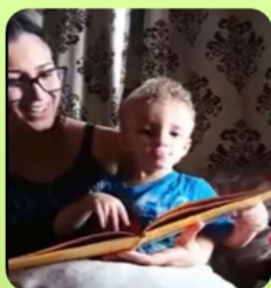
Talvez, por sermos parte de uma saga escrita com palavras, precisamos ser nutridos não só com leite, mas também com estes invólucros – histórias, contos e poemas – onde se encontram os que estão chegando agora, os que chegaram há muito tempo e os que já se foram. Ler é, no fundo, estabelecer diálogos entre os que estão aqui e agora com os que moram longe ou morreram e os que estarão vivos quando estivermos mortos. É tornar visível e audível o invisível e o inaudível: por isso, talvez, as crianças peçam, queiram,

necessitem que leiamos para elas. Precisam ser envolvidas, decifradas, acompanhadas, consoladas pelas palavras. Precisam também dar nomes a tantas sombras, a tantas coisas indizíveis. (Reyes, 2017, p. 47).

Quantos gestos e palavras estão presentes nas relações entre Davi e sua mãe! Quantos diálogos foram possíveis! A seguir, veremos os encantos, enredos e possibilidades de imaginação que o momento entre mãe e filho nos trouxe.

Figura 03: Mini-história

“Encantar, enredar, possibilitar imaginar”



A mãe, ao narrar a história ao filho...

"A tartaruga aparece na porta, minhas costas estão doendo ela reclama. Posso entrar na banheira também"

Vivi como se fosse ele o dono da banheira e por meio de fala e gesto, responde:

"Não"

Neste momento os olhares de mãe e filho se encontram, olhares de velhos conhecidos, afáveis, surpresos e ela o indaga:

"Não?"

Ele responde com firmeza:

"O Vivi"

Mamãe tentando confirmar a resposta do filho, o questiona: "Quem vai na banheira então?"

"O Vivi"

Após a tartaruga vieram o castor e o flamingo, mas todos sem chance de compartilhar a banheira da baleia: ela era toda de "Vivi".

Neste momento da história, Vivi já estava completamente entrelaçado com a trama, havia assumido o papel da baleia, a história havia cumprido o seu propósito, encantar, enredar, possibilitar imaginar.

Fonte: Acervo pessoal dos pesquisadores (2021)

Na rapsódia acima, notamos os tantos encontros possíveis entre Davi, sua mãe e o livro: um triângulo amoroso, como nos diz Yolanda Reyes (2017) permeado por relações e carregadas de sentido. Davi, se emancipando da narrativa, cria, recria, inventa, imagina e, assim como nos diz Manoel de Barros (2021), *faz peraltagens com as palavras*.

Ao criar e peraltar sentidos, Davi nos faz lembrar um dos dizeres de Bakhtin (2000, p. 368) no livro “Estética da criação verbal” onde: “um sentido revela-se em sua profundidade ao encontrar e tocar outro sentido, um sentido alheio: estabelece-se entre eles como um diálogo que supera o caráter fechado e unívoco, inerente ao sentido e à cultura”. E quantos sentidos Davi cria ao reconhecer-se na narrativa e estabelecer relações com a vida!

Os enredos criados e geridos entre mãe e filho durante a proferição são encharcados de encanto e imaginação. Sobre isso, María Emilia Lopez, pesquisadora colombiana, afirma que os bebês e as crianças pequenas estabelecem relações fluidas com os livros por não serem leitores convencionais, porém:

[...] seus sentidos estão alertas e são capazes de perceber qualquer forma, cor, textura, a relação entre palavra e imagem que o adulto fornece, o sentido musical da linguagem. Ou seja, além da apropriação poética das palavras, da língua, do relato, da narração, acrescenta a possibilidade de percepção visual e organizativa da imagem, assim como aquilo que não é tátil, nem visual, nem auditivo, mas que ocorre em outro nível da sensibilidade, que é afetivo e intraduzível, muitas vezes. (López, 2018, p. 53)

As experiências de leitura vivenciadas por Davi vão nutrindo seu imaginário, envolto em maneiras de construir suas ideias, suas visões e sentidos para este mundo que a tão pouco tempo tem sido habitado por ele: uma poética da imaginação!

Considerações finais

Ao traçar as palavras finais deste artigo, evidenciamos a poética das narrativas percebida nas experiências e vivências de leitura num contexto inebriado pela maternidade e pela relação adulto-bebê como um dos lócus de formação leitora.

Para tanto, foi preciso compreender que, ao falarmos das relações entre a literatura e a primeira infância, estamos adentrando um campo que contemple a literatura enquanto arte e que, ao aproximar-se dos pequenos que estão inaugurando este mundo, é possível estabelecer relações de construção de sentido, criação, atenção, escuta dentre tantas outras questões que integram o desenvolvimento infantil.

Ademais, como vimos, as relações entre os livros e os bebês se configuram em momentos repletos de trocas, descobertas, permitindo que as crianças se abram para o mundo, tenham oportunidades para inventar, para brincar no território da literatura, para se transpor e protagonizar as histórias, dentre tantas outras (re)significações.

Ao trazermos as pesquisas e discussões teóricas que versam sobre a literatura e as infâncias, buscamos evidenciar as práticas leitoras como propulsoras de relações humanizadoras e ainda, capazes de promover encontros: com o livro, com o outro, com nós mesmos.

De todo o exposto, consideramos que o ato de ler, em toda a sua humanidade, carrega em si marcas que transcendem o literário. É preciso aprender a ler crianças: ler entre linhas, ler entre gestos, ler marcas do tempo ou até mesmo, ser sem palavras (López, 2018). E para tanto, pegaremos emprestado o que María Emília López chamou de uma didática da ternura colocando as crianças no lugar de sujeito de vínculo que abrigue-as, junto com sua família em um espaço físico, criativo e afetivo.

Por fim, enquanto adultos anfitriões deste universo literário que se abre para os pequenos, nossas palavras finais serão alinhavadas por um convite-urgência proferido pelo poeta Manoel de Barros (2021): “Com certeza, a liberdade e a poesia a gente aprende com as crianças. E ficou sendo!”

Referências

BAKHTIN, M.M. **Para uma filosofia do ato responsável**. 3ª ed. São Carlos: Pedro e João Editores. 2017.

_____. M.M. **Estética da criação verbal**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. BARROS, Manoel de. **Exercícios de ser criança**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021.

FOCHI, Paulo. **Mini-histórias**: Rapsódias da vida cotidiana nas escolas do observatório da cultura infantil - OBECI. 1º. ed. Porto Alegre: Paulo Fochi estudos pedagógicos, 2019. 181 p. ISBN 978-85-906529-1-5.

Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGe/UFSCar (org.). **Palavras e Contrapalavras**: Enfrentando questões da metodologia Bakhtiniana. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012 (vol. IV).

GIROTTI, C. G. G. S.; SOUZA, R. J. . **Práticas de leitura na infância**:

desatando os nós da formação de ouvintes e leitores. In: GIROTTTO, C. G. G. S.; SOUZA, R. J.. (Org.). *Literatura e Educação Infantil: livros, imagens e práticas de leitura*. 1ed.Campinas: Mercado das Letras, 2016, v. 1, p. 1-226.

LÓPEZ, María Emilia. **Um mundo aberto: cultura e primeira infância.** São Paulo: Instituto Emília, 2018.

REYES, Yolanda. **A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância.** Tradução de Marcia Frazão e Ronaldo Periassu. São Paulo: Global, 2010.

_____. **O triângulo amoroso** in: *As crianças e os livros : reflexões sobre a leitura na primeira infância / Organizadoras: Érica Lima, Fabíola Farias, Raquel Lopes.* – Belo Horizonte : Fundação Municipal de Cultura, 2017.

SERÓDIO, Liana Arrais; PRADO, Guilherme do Val. *Narrativas de professores e profissionais da educação - uma posição axiológica outra na produção de saberes transgrediente em educação.* In: SOUZA, Nathan Bastos de; SERÓDIO, Liana Arrais. **Saberes Transgredientes.** 1º. ed. São Carlos: Pedro & João, 2018. p. 145-174. ISBN 978-85-7993-586-2.

SILVA, A.L.; CHEVBOTAR. **Os bebês e os livros: a comunicação afetiva.** In: GIROTTTO, C.

G. G. S.; SOUZA, R. J.. (Org.). *Literatura e Educação Infantil: livros, imagens e práticas de leitura*. 1ed.Campinas: Mercado das Letras, 2016.